

VELHICE NO ESPAÇO RURAL: EM FOCO, SUJEITOS E CENÁRIOS

Terezinha de Jesus Campos de Lima

IFMA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - terezinha@ifma.edu.br

RESUMO

Nesta comunicação apresentamos o tema da *velhice rural* sob a perspectiva de ponderações acerca do *perfil socioeconômico* de *idosos* residentes no espaço rural e os *cenários (locus)* onde vivem. Com base em abordagem qualitativa, busca-se destacar aspectos julgados relevantes para uma reflexão ligada a um assunto ainda pouco estudado no âmbito da Gerontologia. Parte-se do entendimento de que as experiências de envelhecimento são diversas e a compreensão dessa diversidade requer um conhecimento ampliado da velhice em diferentes contextos. O espaço rural é um desses contextos, muito embora estudos sobre as experiências de envelhecer no rural sejam poucos, comparativamente, às pesquisas sobre velhice urbana. A discussão baseia-se em estudo de doutoramento finalizado em 2013 na Universidade Estadual de Campinas com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão-FAPEMA.

Palavras-chave: Velhice, Idosos, Rural.

ABSTRACT

In this paper we present the theme of rural old age from the perspective of considerations about the profile of the elderly living in rural areas and scenarios (locus) where they live. Based on a qualitative approach, we seek to highlight relevant aspects deemed to reflect attached to a subject still little studied in the context of Gerontology. This is on the understanding that the aging experiences are diverse and the understanding of this diversity requires an expanded knowledge of old age in different contexts. The countryside is one of those contexts, even though studies on the experiences of aging in rural are few, comparatively, to research on urban old age. The discussion is based on doctoral study at the State University of Campinas with support from the Research Support and the Scientific and Technological Development of Maranhão-FAPEMA Foundation.

Keywords: Aging, Seniors, Rural.

INTRODUÇÃO

No entendimento de Wanderley (2001) o espaço rural significa mais que apenas uma localização física, mas uma forma de organização social que envolve um conjunto de atividades e um modo de vida específico; em sua análise, projeta-o como,

Um modo particular de utilização do espaço e de vida social. [...] entendido ao mesmo tempo, como espaço físico (referência à ocupação do território e aos seus símbolos), lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se

vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade) (Wanderley, 2001, p.01).

Os argumentos que situam a ponderação da autora em torno do meio rural vão ao encontro da reflexão de Lindner (2008, p.793) de que na sua “valorização, identidade e simbologias peculiares, encontram-se as manifestações de toda uma conjunção de ações cotidianas carregadas de valores próprios e heranças históricas, na qual se fundamenta a existência das ruralidades”. A mesma base de ponderação considerada por Lindner também se estende à noção de urbanidade, pois ambas englobam manifestações culturais vinculadas aos modos de vida, tradições, ocupações como aspectos que caracterizam tais espaços e que sucedem não necessariamente apenas neles. E, novamente, nesta perspectiva, Wanderley (2001) argumenta:

Quando estou falando de mundo rural, refiro-me a um universo socialmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira e ao contexto atual das relações internacionais. Não estou, portanto, supondo a existência de um qualquer universo isolado, autônomo em relação ao conjunto da sociedade e que tenha lógicas exclusivas de funcionamento e reprodução. Porém, considero que este mundo rural mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba (Wanderley, p. 32).

Este prisma oferece elementos para uma análise interessante acerca da situação de velhos brasileiros em ambientes rurais. Desta forma, cabe o debate acerca dessas ponderações também entre tais sujeitos, diante de um contexto no qual as ressignificações do rural são colocadas em pauta na contemporaneidade. Cabe refletir, assim, que as experiências de envelhecimento são diversas e a compreensão dessa diversidade requer uma consideração ampliada da velhice em diferentes contextos. O espaço rural é um desses contextos e, no entanto, tem havido relativamente poucos estudos que se concentraram nas experiências de envelhecimento no rural, comparativamente às pesquisas sobre velhice urbana. Embora a pesquisa sobre velhos em áreas rurais seja de interesse gerontológico há algum tempo, o envelhecimento rural ainda não se estabeleceu como um campo de estudos relevante para a Gerontologia.

A existência dessas grandes lacunas quanto à geração de conhecimentos envolvendo a multidimensionalidade do envelhecimento rural, favorece questionamentos, debates e produções que possam socializar contribuições voltadas à consciência científica e prática e compreensão dos comportamentos complexos e interativos econômicos, culturais, sociais e de saúde da população rural mais velha (INRA, 2012). Nesta perspectiva, o olhar aqui suscitado vai ao encontro do tema da *velhice rural*, objetivando apresentar ponderações acerca do *perfil socioeconômico* de *idosos* residentes no espaço rural e *cenários (locus)* onde vivem, aspectos ilustrados a partir de dados de pesquisa qualitativa e julgados de contribuição para um abordagem ainda incipiente no campo da Gerontologia.

METODOLOGIA

As informações que configuram o foco desta comunicação – perfil de idosos rurais e cenários onde residem – são resultantes de um recorte gerado com base em estudo de natureza qualitativa, de caráter descritivo e exploratório¹, no qual privilegiamos a caracterização dos 30 (trinta) velhos e velhas investigados em pesquisa de doutorado (Lima, 2013), na intenção de trazer um *portrait* que contribua para as reflexões acerca dos sujeitos que envelhecem no rural, sob a intenção de desvelar *quem fala e de onde fala*, elementos constitutivos de seus próprios discursos.

Um estudo de caráter qualitativo pode ser desenvolvido a partir de variadas proposições. Contudo, todos eles têm em comum certos pontos fundamentais: o ambiente natural constitui a fonte dos dados; a análise dos dados é indutiva e atenta para as singularidades; o estudo focaliza a perspectiva do participante e os seus significados; o texto (a palavra) é o objeto de trabalho com base no qual se executa a análise empírica; o investigador desempenha papel decisivo na produção do conhecimento; as relações entre investigador e participantes estão sempre presentes nos resultados da investigação (Flick, 2002). Como valida Minayo (1994, p. 21-22).

¹ Richardson (1999, p. 66) diz que os estudos descritivos vinculam-se ao propósito de se descrever as características de um fenômeno e os estudos exploratórios quando não se tem informação sobre determinado tema e se deseja conhecer o fenômeno.

Ampliando a informação sobre os sujeitos protagonistas do estudo, importa explicitar que são homens e mulheres com idade de 60 anos e mais, residentes em duas comunidades rurais de um município (Barreirinhas) localizado no Estado do Maranhão, Região Nordeste do Brasil. A proposta da apresentação dos sujeitos investigados se desvela, então, a partir de dados de pesquisa de campo, coletados por meio de entrevistas realizadas nas residências dos depoentes, organizadas com base em *roteiro semiestruturado* para o levantamento de *informações socioeconômicas e hábitos de vida e saúde* e, posteriormente, processadas quanto ao tratamento, organização e análise do material.

Destacamos que a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada em pesquisas qualitativas; “é bastante adequada para obtenção de informação acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes”, segundo Sellitz *et al* (1974) citados por Gil (1987, p. 113). O uso do roteiro de entrevista semiestruturado como instrumento de coleta de dados permite, nos termos de Minayo (1994), captar a informação desejada, além de possibilitar ao entrevistado liberdade e espontaneidade para expressar-se sobre o tema. O Diário de Campo foi utilizado como instrumento de suporte para registro de impressões acerca dos sujeitos e ambiente. Todas as iniciativas diretamente relacionadas aos entrevistados foram amparadas por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Brasil, o Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, apontou que a população brasileira atingiu um total de 190.755.799 habitantes na data de referência. A população urbana com 160.925.792 habitantes foi predominante, representando 84,3% da população total enquanto 29.830.007 habitantes residiam em áreas rurais (15,7%)².

² Conforme o Perfil dos Municípios Brasileiros do IBGE (2011), o Censo 2010 mostrou a continuidade do processo de diminuição do volume da população rural. O campo perdeu 2 milhões de pessoas entre 2000 e 2010 que, em sua maioria, se deslocou para as áreas urbanas. Essa tendência é indicativa do aumento da urbanização no Brasil.

Especificamente quanto à população de velhos, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2009 revelaram que o número no Brasil é de cerca de 21 milhões de pessoas, correspondendo a 11,3% do total da população, concentrados em 14% na região Sul. Destes, 16,5 milhões vivem na área urbana e 3,4 milhões na área rural.

A publicação *Indicadores Sociais Municipais* do IBGE (2011) que analisa os resultados do universo do Censo Demográfico de 2010 destaca que o envelhecimento populacional é hoje um importante fenômeno no contexto nacional e que o gradativo aumento da população de 60 anos ou mais ocorre em todas as Unidades da Federação (UF), seja em termos absolutos ou relativos. No Maranhão, a população de idosos é de 532.929 pessoas, dos quais 273.402 são homens e 259.527 são mulheres; isto representa, assim, cerca de 8,7% dentre os mais de 6 milhões de habitantes do Estado e, em Barreirinhas³, de um contingente de 54.930 pessoas, representam 7,2% da população total do município.

Além da sede municipal, Barreirinhas tem 217 povoados; a coleta de dados da pesquisa concentrou-se em dois de seus povoados rurais: Mandacaru e Mamede. Uma leitura de D'Antona (2000) pondera acerca da diferenciação entre o modo de produção das frentes populacionais de ocupação do litoral e do interior de Barreirinhas que se apresentam da seguinte forma: na faixa litorânea (como Mandacaru), o peixe gera o dinheiro e a roça complementa a subsistência; no interior (como Mamede), a produção agrícola e o extrativismo geram os recursos monetários. Os moradores do interior são mais lavradores do que pescadores e os do litoral, mais pescadores do que lavradores.

que, a partir de 1950, deixa de ser um país de características rurais para caminhar no sentido de um país mais urbanizado.

³ Barreirinhas é um destino turístico e integra a Região dos Lençóis Maranhenses. Juntamente com a capital, São Luís, representa o grande destaque do turismo maranhense, presente em todas as campanhas promocionais de divulgação do Estado. É um dos 217 municípios do Maranhão e, geograficamente, situa-se na Mesorregião do Oeste Maranhense e na Microrregião da Baixada Oriental, possuindo uma área de 3.111,3 km², com área urbana de aproximadamente, 1.097 hectares e está a 253 km da capital São Luís. É, juntamente com São Luís, um dos dois destinos indutores do turismo regional no Estado, dentre os 65 destinos nacionais do Programa de Regionalização do Turismo; também faz parte do Roteiro Integrado Interestadual (Ceará, Piauí e Maranhão)/Rota das Emoções do Ministério do Turismo do Brasil.

A economia de Mandacaru (Fotos 1) baseia-se na pesca, mariscagem, produção e comercialização de artesanato; a roça familiar com o cultivo de arroz, feijão e mandioca é complementar à atividade pesqueira. Alguns moradores estão envolvidos com a prestação de serviços turísticos em embarcações ou meios de hospedagem (pousadas) em outras localidades. Anteriormente centro comercial e portuário para transportes por mar até São Luís, esse povoado ribeirinho recebeu o nome de Mandacaru devido ao cacto nativo da região. No Mamede (Fotos 2) a economia local gira em torno da agricultura de subsistência – com o cultivo da mandioca para a produção artesanal de farinha (que envolve a participação de homens e mulheres de diferentes idades), o extrativismo, com a coleta de frutos, a fabricação da cachaça e outros vivem da caça.



Fotos 1: Mandacaru, Barreirinhas, MA
Fonte: Acervo da autora, 2010



Fotos 2: Comunidade de Mamede
Fonte: Acervo da autora, 2010

Nas duas comunidades obtivemos a colaboração de 17 (dezessete) homens e 13 (treze) mulheres, sendo em Mandacaru 12 (doze) homens e 8 (oito) mulheres e, em Mamede, 5 (cinco) homens e 5 (cinco) mulheres. Desta forma, no quadro deste estudo, encontramos uma maioria de velhos e velhas etariamente situados entre os 65 e 69 anos, analfabetos, casados/união estável com mais de 10 filhos (a viuvez foi mais presente entre as mulheres) e de religião católica; aposentados (anteriormente eram lavradores e pescadores/marisqueiras), com renda individual e familiar de um salário mínimo e gastos mais frequentes com alimentação e medicamentos. Todos residindo em casa própria, de alvenaria (algumas em condições precárias), declarando-se chefes de suas moradias ou compartilhando com o

cônjuge/companheiro e enfrentando doenças crônicas (diabetes, hipertensão) e problemas de insônia, artrite, reumatismo e colesterol elevado, que representaram as maiores queixas com relação à saúde, avaliada como regular pela maioria.

Cabe notar que é significativamente limitado o acesso a programas, serviços e profissionais de saúde. Para além dessa caracterização, uma evidência adicional é que são velhos que vivem de forma independente, ativos para o trabalho, quer seja no âmbito doméstico, quer seja em atividades agrícola e/ou pesqueira; alguns só pararam de trabalhar nessas profissões por incapacidade física.

No geral, muitos desses velhos manifestaram agradecimento por seus benefícios previdenciários como um prêmio para uma vida de extrema pobreza, mas expostos à limitado apoio a recursos de saúde e débil situação financeira, muitos deles responsáveis pelo sustento. No acompanhamento e nas observações, é fato que a condição de aposentados e/ou pensionistas embora possa representar uma situação de tempo livre alargada, não corresponde à realidade, na medida em que as tarefas ligadas às rotinas das próprias necessidades biológicas e rotinas familiares têm papel significativo, sobretudo para as mulheres.

O idoso aqui, a maioria deles... Eles são idosos mais é aquela coisa, ele já chegou na idade de idoso mais ele não pára, ele não pára. Tem muitos aqui que são persistentes, às vezes a gente sempre diz, - "Oê não tem mais idade pra tá nesse serviço", porque aqui o serviço qual é? É a lavoura. Então, tem muitos que são teimosos que continuam na lavoura, eles não pára. Ai tem muitos, que é o caso que tem problema de diabetes, é hipertenso, mais é aquela coisa, não se abatem, eles não deixam, como é que se diz? Porque já chegou a idade dele, ele vai deixar a roça dele, ele ai deixar as coisas dele e ele não deixa, por mais que se fale (Agente/PSF – Mamede, Barreirinhas, MA, janeiro/2011/Diário de Campo).

Importa destacar que Barreirinhas tem uma população 3.684 pessoas de 60 anos e mais, o que corresponde a 6,7% de sua população total (54.931 hab.), conforme o Censo 2010 do IBGE. A maior concentração deste segmento está na área rural (63,44%), na qual os homens são maioria, em relação à área urbana (36,56%), com um contingente maior de mulheres. Sem pretender generalizações, lembramos que o número de homens participantes desta pesquisa foi um pouco maior que o de mulheres: 17 e 13, respectivamente. Silva (2011), discutindo a questão da masculinização e do envelhecimento no espaço rural, analisa que:

Uma das novidades que se tem dentro dos movimentos migratórios rurais com certa envergadura vem tendo como conseqüência o envelhecimento da população rural, bem como da masculinização da população que vive no campo. A masculinização e o envelhecimento decorrem do impacto de um êxodo rural cada vez mais seletivo, conforme já descrito anteriormente, operado nas duas últimas décadas, cujos estudos recentes estão propondo demonstrar, o qual remete às cidades o grosso da mão-de-obra jovem e preferencialmente feminina, podendo comprometer, no longo prazo, a própria renovação da força de trabalho rural. O envelhecimento por outro lado, é fruto do incremento da esperança de vida da população rural, concomitantemente com a redução absoluta e relativa da participação da população jovem (Silva, 2011, p.87).

Especificamente no que se refere à questão do envelhecimento da população rural, o autor elenca como os principais fatores: a redução da participação da população jovem no campo; o retorno da população aposentada do meio urbano ao campo; e a redução das taxas de fecundidade e o aumento da expectativa de vida do brasileiro.

Considerando ainda mais alguns aspectos da realidade socioeconômica do grupo investigado em Mamede e Mandacaru, destacamos que o tipo e as condições de moradia evidenciaram uma situação em que todos possuem moradia própria (casas de alvenaria) e da qual declararam-se chefes, alguns esclarecendo ser esta uma circunstância compartilhada com o cônjuge/companheiro. Nestes espaços observamos televisor, geladeira, fogão, antena parabólica, fogão, máquina de lavar, rádio, ventilador, bens de consumo geralmente comuns em grande parte das residências brasileiras. Renda individual e familiar, ambas de 1 salário mínimo (s/m) foi predominante entre os entrevistados, situação de quase 50% do rendimento dos velhos brasileiros que tem renda familiar de até 2 s/m (Fundação Perseu Abramo, 2007).

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/IPEA (2011, p. 14), utilizando dados da Pnad, demonstrou que a proporção de idosos que recebem benefícios sociais, como aposentadoria ou pensão, cresceu ao longo dos anos e atingiu 85% em 2011, frente ao percentual de 77,5% em 1988, quando foi promulgada a atual Constituição. Pela abordagem dos indicadores, o Brasil avançou na garantia de uma renda mínima para a população idosa, pois “a cobertura quase integral dos idosos por transferências da previdência e da assistência social com benefícios de piso atrelado ao salário mínimo tornou-se, para eles e para os membros de seu grupo doméstico, um seguro contra a pobreza extrema, ou mesmo contra a pobreza”.

Dados do estudo de Buainain, Dedecca e Neder (2013) chamam atenção para a elevada concentração da pobreza extrema na região Nordeste, com quase 16 milhões de pessoas classificadas como pobres extremos, no meio rural e urbano (renda de até R\$140 mensais per capita); quase 9 milhões residem em áreas urbanas e 7 milhões se encontram em áreas rurais. Os estados com os percentuais mais elevados de pobres extremos na população total são Alagoas, Maranhão, Paraíba e Piauí, todos superiores a 30% sendo que esses valores superaram os 50% nos dois primeiros estados quando se considera apenas a população rural. Nesta perspectiva, os autores situam que:

As aposentadorias rurais são um importante fator de elevação dos rendimentos domiciliares e de redução dos níveis de pobreza. A extensão da previdência social para os trabalhadores rurais por conta-própria elevou o nível de rendimentos de muitos domicílios com membros de idade mais avançada, contribuindo para retirar muitos da pobreza. Ainda assim, a aposentadoria beneficia uma proporção menor de domicílios pobres extremos no meio rural com membros enquadráveis nos critérios da previdência, o que confirma a maior exclusão deste grupo, até mesmo para acessar direitos bem estabelecidos (Buainain, Dedecca e Neder, 2013, p. 110).

Silva (2005, p. 90) pondera que essa inserção econômica dos velhos nas famílias pode definir posições de poder, sobretudo quando há dependência familiar de seus rendimentos, situação em que assumem ou mantém o papel de chefe ou responsável pela família. Foi comum, entre os entrevistados, a ênfase à mudança no estilo de vida pós-aposentadoria pelo maior acesso a bens de consumo, remédios, alimentos, itens de vestuário, reformas residenciais, pagamento de serviços funerários, para citar alguns.

Uma questão abordada e inspirada em Keating e Phillips (2008, p. 129) foi saber se o espaço rural é um bom lugar para envelhecer, o que dá margem à uma resposta de caráter relativo, posto que isto *depende* de uma série de fatores, como a posição e as escolhas das pessoas no decorrer da vida, as configurações da comunidade em que vivem e os modos pelos quais constroem suas relações com as pessoas e o lugar.

CONCLUSÃO

A abordagem aqui defendida objetivou trazer uma caracterização do perfil socioeconômico de sujeitos idosos residentes no espaço rural, na perspectiva de contribuir para

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

os estudos acerca da temática da velhice rural. Estes sujeitos residem em povoados de Barreirinhas, município relevante para o turismo maranhense e brasileiro pelo destacado Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, do qual é tido como o “portão de entrada”. Barreirinhas tem mais de 60% de sua população concentrada no espaço rural desenvolvendo, além do turismo, atividades econômicas na agricultura de base familiar, o artesanato e a pesca artesanal costeira.

Tais pontuações permitiram a observação da diversidade e dos desafios de envelhecer em realidades completamente na contramão de visões idílicas do rural, porém na linha de constatar que interagimos com velhos ao mesmo tempo resistentes e frágeis. Falamos de lugares com altos níveis de necessidades não satisfeitas que coloca suas gentes, velhos ou não, na desvantagem do acesso a serviços básicos e infraestrutura de educação, saúde, transporte, moradia, alimentação, lazer, etc. Diante dessas situações sobrepõem-se a influência do trabalho, da disposição e da necessidade de se estar ativo para o cuidado com a casa, com a roça ou com a pesca.

Neste sentido, alguns aspectos observados a partir do estudo poderiam gerar novos temas de pesquisa e que podem ser aprofundados: a questão da solidão e da sexualidade manifestada, sobretudo, entre os homens solteiros e/ou viúvos; a questão da construção histórica do universo feminino e o trabalho doméstico no rural, dada a (in)visibilidade das tarefas da mulher, enfim, alguns elementos que permitem (re)contextualizar o envelhecer no rural na perspectiva da relação velhice-contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

Wandreley, M. de NB. [homepage na internet] **A ruralidade no Brasil moderno: por un pacto social pelo desenvolvimento rural.** En publicacion: ¿Una nueva ruralidad en América Latina?. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. [acesso em mar 2013] Disponível em <http://biblioteca.planejamento.gov.br>.

Lindner, M. **Manifestações das ruralidades em pequenos municípios do Rio Grande do Sul.** In: Simpósio de Pós-graduação em Geografia do Estado de São Paulo, 1., Anais ... Rio Claro, SP: Unesp, 2008, p. 782-794.

International Network on Rural Ageing (INRA). [homepage na internet]. **Why is rural ageing important?** [acesso em dez 2012]. Disponível em <http://www.icsg.ie/>

Lima, TJC de. **Rotinas de tempo livre e lazer da velhice rural em cenários brasileiros.** Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas, Sp, 2013.

Richardson, RJ. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo, SP: Atlas, 1999.

Flick, U. **Métodos qualitativos na investigação científica.** Lisboa: Monitor; 2002.

Minayo, MC. de S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Sellitz, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** São Paulo, SP: EPU, 1974.

Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, SP: Atlas, 1987.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil) [homepage na internet]. **Censo 2010.** [acesso em 12 ago 2015]. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil). **Perfil dos Municípios Brasileiros 2011.** Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2012.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD: síntese dos indicadores sociais 2009.** Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil). **Indicadores Sociais Municipais: uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2011 (Informação Demográfica e Socioeconômica número 28).

D'Antona, Á. de O. **O lugar do parque nacional no espaço das comunidades dos Lençóis Maranhenses.** Brasília: Edições IBAMA, 2000, v. 1. 88 p.

Silva, TM. **Dinâmicas demográficas e ocupacionais e a reprodução social da agricultura familiar: um estudo de caso no município de Praia Grande – SC.** Porto Alegre, 2011. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre, RS, 2011.

Fundação Perseu Abramo. **Idosos no Brasil vivências, desafios e expectativas na 3ª idade.** Disponível em: <http://www2.fpa.org.br/portal> Acesso em out 2008.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Mudanças recentes na pobreza brasileira.** Comunicados do IPEA nº 111. IPEA, 2011. Disponível em <http://www.ipea.gov.br> Acesso em mar 2013.

Buainain, AM.; Dedecca, CS.; Neder, HD. **Características regionais da pobreza rural no Brasil:** algumas implicações para políticas públicas. Brasília: IICA, 2013. (Série desenvolvimento rural sustentável).

Silva, JLA da. **O idoso no município de Arambaré, RS:** um contexto rural de envelhecimento. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre, RS: UFRGS, 2005.

Keating, N.; Phillips, J. A critical human ecology perspective on rural ageing. IN: Keating, N. (org.). **Rural ageing:** a good place to grow old? Union King: The Policy Press, 2008.